

EDUCAÇÃO E TEORIA CRÍTICA

EDUCATION AND CRITICAL THEORY

Daniel Sotelo¹

*“A filosofia que pretende se acomodar em si mesma,
Repousando numa verdade qualquer, nada tem a ver,
Por conseguinte, com a teoria crítica”.*
Horkheimer

RESUMO

O presente estudo pretende contribuir para uma reflexão sobre a importância do ato de refletir e de se educar criticamente. Estudaremos o texto de Adorno sobre: “Educação após Auschwitz”. A ideia é pensar não a escola, mas a educação mais ampla à luz da teoria crítica da sociedade. Não que ele tivesse formulado propostas pedagógicas de educação, mas propostas de uma educação viva que vise o educador. É uma tentativa de exercitar um tipo de pensamento reflexivo no âmbito educacional, na esperança de ampliar a compreensão da educação hoje e apreender o pensar criticamente.

PALAVRAS-CHAVE: EDUCAÇÃO, TEORIA CRÍTICA, ADORNO.

ABSTRACT

This study aims to contribute to a reflection on the importance of educating and think critically. We will study the text of Adorno on "Education after Auschwitz". The idea is not to think about school, but the broader education in light of the critical theory of society. An education which affects educator. It is an attempt to exercise a kind of reflective thinking in the educational field, hoping to broaden the understanding of education today and learn to think critically.

KEYWORDS: EDUCATION, CRITICAL THEORY, ADORNO.

¹ Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e graduado em Teologia e Filosofia. Professor da Faculdade de Inhumas (FacMais).

A educação exerce funções fundamentais em todas as sociedades, auxiliando os homens na aquisição de um conhecimento e um saber ordenado e sistemático a respeito da natureza e do modo social em que estão situados. Ela transmite tudo àquilo que a humanidade acumulou na história e, em particular, oferece conhecimentos para que cada um se insira em sua sociedade.

Segundo Moacir Gadotti (1998) não é possível alcançar a compreensão da educação sem a compreensão dessa sociedade na modernidade, sem o que não é possível chegar-se muito longe. Pois não se compreende os nexos existentes entre organização social e organização econômica, cultural e política, nem as ligações de tudo isso com a educação.

Educação Sob a Ótica da Teoria Crítica da Sociedade

Para a teoria crítica da sociedade, os problemas teóricos começam com a apreensão das relações existentes na sociedade entre o todo e o particular, o específico e o universal. Seu raio de ação dá-se no limiar das manifestações dos homens, na dinamicidade de sua vida no mundo que o cerca. Em seu elemento constitutivo a teoria move-se além da neutralidade positivista que ela define, em seu sentido amplo: como soma de diversas doutrinas filosóficas que incluíram desde o trabalho de Saint-Simon e Augusto Comte até as mais recentes formas de pragmatismo e empirismo lógico que dominam as ciências sociais na civilização ocidental.

Na ótica da teoria crítica da sociedade, guardadas as diferenças de cada doutrina todas elas tem sustentado o objetivo de desenvolver formas de investigação social que sigam o modelo das ciências naturais. Estas formas foram baseadas em princípios metodológicos que privilegiam a observação empírica e a quantificação. A visão de conhecimento e de ciência do positivismo é despida de suas possibilidades críticas. O conhecimento foi reduzido a dominação exclusiva da ciência. A própria ciência foi submetida a uma metodologia que limita a atividade científica à descrição, à classificação e à generalização de fenômenos. Opondo-se a isso, a teoria deve explicitar os interesses que representa e pensa-los criticamente, sabendo que não existem garantias de verdade únicas.

Por isso a autocrítica lhe é imprescindível. Em última instância, a teoria deve ser crítica, dialética e primar pelo pensamento negativo diante de tudo aquilo que é tido como pronto e estabelecido. Torna-se a teoria uma atividade transformadora cujo elemento transcendental, associa-se ao pensamento crítico como pré-condição para a liberdade. Ao invés de consubstanciar uma noção positivista de neutralidade, a teoria posiciona-se ao lado da luta por um mundo mais digno ao ser humano, a partir da teoria crítica da sociedade se consegue estabelecer o diálogo da negação do que parece estático, na existência humana, no mundo moderno. Um diálogo de esperança, a partir do pensamento, e da teoria, de seu elemento de prática; deve haver um diálogo preocupado em contribuir para a emancipação do homem.

Conforme T. Adorno (1995), a teoria crítica da sociedade é um símbolo de solidez e de força independente de que um dia, pudesse, na aparência, fazer parte no mundo do esquecimento, das coisas que vão sendo suprimidas.

Para pensar a educação sob a base da teoria crítica da sociedade, é fundamental compreender como ela se refere à necessidade de desenvolver-se numa teoria/prática de transformação social. E assim esta transformação e emancipação não sejam fechadas em relação aos seus próprios princípios e às conquistas que ela almeja. A teoria crítica da sociedade enfatiza tanto um escola de pensamento quanto um processo de crítica. Sua dimensão global e sua dimensão fragmentada tornam-se úteis para a educação. Apontando para uma educação que, tanto pode exigir uma crítica contínua – nas quais as condições educacionais devam ser confrontadas com um mundo que essa crítica examina e descreve o mundo como realmente é – como poderia ser com base nessa crítica.

T. Adorno (1995) inicia seu texto “Educação após Auschwitz” com uma frase significativa: para a educação a exigência que Auschwitz não se repita é primordial.

Após analisar as possibilidades de retorno da barbárie a partir da permanência das condições que a geraram, Adorno (1985) afirma: “a educação só terá pleno sentido como educação para a auto-reflexão crítica”.

A educação é, antes de tudo, esclarecimento (Aufklaerung). Para Theodor Adorno, as medidas educativas, por mais abrangentes que sejam dificilmente poderão evitar o aparecimento de construtores e ideólogos da

barbárie. Mas a educação pelo esclarecimento pode fazer alguma coisa no sentido de modificar a atitude dos que praticam os atos bárbaros. Para os componentes da escola de Frankfurt o ato de refletir criticamente representa um elemento fundamental na luta pela emancipação.

A obra enfatiza o tema da educação, mas, o autor não tem escrito sobre este assunto especificamente. Ele aborda este tema considerando que tudo explicita a educação como alicerce da condição existencial humana em toda a sua complexidade.

Podemos ler a educação sob o prisma da teoria crítica da sociedade. Uma vez que a educação faz parte desta sociedade e compõe a complexidade dos temas do mundo. Estes temas do mundo irrompem de uma interpretação que possuímos nesta ótica. É necessário, muito mais do que qualquer outra coisa, passar a conceber a educação, suas bases e fundamentos dentro de um enfoque mais amplo. Assim a visão de mundo proposto na teoria crítica, sem querer, dizer que essa visão de mundo seja única e verdadeira. Não se pode reduzir a leitura da educação apenas num aspecto, qualquer que seja o que chamamos de educação. Precisamos despertar educação para a tarefa que Herbert Marcuse chamou atenção: desenvolver nos explorados a consciência e o inconsciente que afrouxaria as amarras das necessidades escravizantes. Sem isso é impossível que a educação contribua muito mais para a contra revolução do que para a emancipação.

No trabalho de Adorno que estamos analisando, ele frisa a necessidade de ter uma educação contra Auschwitz. Este autor é um dos poucos pensadores que tenta ler Freud à luz da grande tradição filosófica do ocidente. Ele entende a educação na perspectiva da civilização ocidental como plena compreensão de um indivíduo completo. Conforme Adorno, Freud numa de suas intuições, afirmava que a civilização produz uma anti-civilização e a reforça progressivamente. O comportamento do homem, na civilização ocidental esta recheado de um embrutecimento que extrapola as condições econômicas e de classes. Está imanente no homem, no mundo administrado, um vazio diante de tudo o que ocorre na sociedade. A própria vida social é um ajuntamento coletivo de seres isolados que tem ancorado-se uns aos outros para persistirem no ciclo vital. O homem não tem mostrado sensibilidade diante da preservação da vida. A sociedade e a natureza lhes são indiferentes. Tudo e

todos se misturam transformando-se em coisas e constituindo uma sociedade reificada viva. Conforme o nosso autor, a humanidade vive uma pressão civilizatória que tem se multiplicado até ao mal estar de uma claustrofobia.

Educação e Emancipação

Theodor Adorno (1995) fala em Educação e Emancipação:

Pode-se falar de uma claustrofobia da humanidade no mundo administrado, uma sensação de clausura em um contexto mais e mais socializado, densamente estruturado. Quanto mais apertada a rede, mais quer-se sair dela, muito embora sua própria estreiteza o impeça. Isso aumenta a raiva contra a civilização. A revolta contra ela é brutal e irracional.

A humanidade tende a sucumbir, vivendo essas condições. A capacidade do homem de raciocinar, de enxergar, de pensar, foi atrofiada: a atividade de criação tem sido mutilada, em lugar dela, assimila-se, adapta-se, repete-se. A humanidade está assim, redigida por uma miopia nos olhos e na mente que esquece, distorce, confunde, mistura, deturpa e cega diante de si própria e de seus rumos. Os homens estão perdidos frente à produção de sua própria vida. A sociedade administrativa é composta não de indivíduos, mas de individualismos que vivem a coletividade, negando a singularidade.

O nosso autor continua analisando a sociedade, a civilização e os indivíduos. Ele afirma que:

...nossa sociedade, embora se integre cada vez mais, incumba simultaneamente tendências desagregadoras. Essas tendências desagregadas sob a superfície da vida organizada têm progredido extremamente. A pressão do geral predomina sob a particularidade. Os indivíduos e as instituições individuais tende a desintegrar o particular e o individual juntamente com sua capacidade de resistência, os homens perdem também as qualidades graças às quais se lhes ia possível opor-se àquilo que, a qualquer momento, possa novamente atraí-los para o crime. Talvez sem querer consigam resistir, quando lhes é ordenado pelos poderes constituídos que voltem a praticar a mesma ação, desde que tal aconteça em nome de quaisquer ideais, nos quais nem precisam acreditar.

Para Adorno, a educação deve ter a ousadia de não só desmistificar a realidade que circunda a sociedade moderna, mas também revelar os meandros que a permeiam: um amontoado de catástrofes e ruínas que não tem parado de crescer aliada às conquistas humanas. Assim como a educação não deve desmerecer essas conquistas e tampouco permitir que parta apenas dela a formação humana. Não deve também contribuir, de alguma forma, para o esquecimento da história e da vida humanas construídas com suor, sangue e emoções dos mesmos homens que também a destroem. A educação há que assumir o compromisso de contribuir para o resgate do homem dos escombros e ruínas que tem sido autor sem, contudo, apaga-lo da memória humana. É preciso lembrar-se de Auschwitz para que se possa superá-lo. O trabalho da educação é ser mediadora entre o velho e o novo, sendo essa uma função que lhes exige um respeito e uma compreensão do passado.

Educação Hoje

Assim a educação hoje, ao contrário de Auschwitz, deve conhecer e trabalhar contra a inconsciência dos mecanismos que tornam os homens capazes de atos tais como os de atacarem e matarem, subjuguem e sacrificarem os outros. Penso que assim como a educação deve conhecer esse tipo de caráter, assim também deve ela entender o tipo de caráter daqueles que – em todos os sentidos permitem-se ser mortos, subjugados, sacrificados, feitos escravos.

Conforme Adorno (1995):

A educação só terá pleno sentido como educação para a autorreflexão crítica. Dado, todavia, que, como mostra a psicologia profunda, os caracteres em geral, mesmo os que no decorrer da existência chegam a perpetrar os crimes, já se tornaram na primeira infância, uma educação que queira evitar a reincidência, haverá de concentrar-se na primeira infância.

Uma educação após Auschwitz dar-se-ia conforme nosso autor, primeiro no âmbito da educação infantil, sobretudo na primeira infância. Depois no esclarecimento geral, criando um clima espiritual, cultural e social que não

dê margem a uma reincidência, através da conscientização dos motivos que levaria ao horror.

O nosso autor fala que: *“Crê-se que quanto mais bem forem tratadas as crianças, quanto menos forem negadas na infância, mais chances elas terão”*.

A educação para Adorno tem uma importância primordial na formação das gerações atuais para a construção de uma sociedade que se guie pela razão, na luta pela autonomia, pela emancipação.

O processo de “desbarbarização”, ou seja, uma educação após Auschwitz é global e apresenta ênfases peculiares. Como desenvolver a educação através do processo de desbarbarização? As propostas que Adorno apresenta possuem três vias complementares: a passagem do inconsciente para o consciente, a passagem do não ciente para o ciente; a passagem do pseudociente para o ciente. No primeiro caso, passagem do irracional para o racional, a psicologia profunda presta colaborações inestimáveis, ajudando os sujeitos a entenderem melhor a dimensão subjetiva da dominação e da liberação, a captarem os mecanismos da manipulação pela ideologia dominante, a formarem reações psíquicas novas, mais humanas, em contra posição à situação repressiva.

Nesse sentido é fundamental desenvolver pela educação as possibilidades de conscientização da frieza em si e apurar os motivos que a ela levaram. A passagem do não ciente significa passagem da dimensão da ignorância para o conhecimento através do esclarecimento crítico. A ignorância socrática sempre mostrou sua disponibilidade e potencialidade para o saber. Ela gera não apenas admiração ingênua, mas também a curiosidade infantil de quem quer saber o que não sabe. Adorno tenta demonstrar que a não cultura e o não saber permitem uma relação mais direta com os objetivos do conhecimento e possibilita uma passagem mais conseqüente e lúcida à consciência crítica.

Os valores do senso comum ideologizados pela indústria cultural sedimentam suas representações conceituais. A terceira via da educação, a passagem do pseudociente ao ciente, apesar das dificuldades geradas pelas mediações da ideologia onipresente e onipotente, também se fazem pelo esclarecimento crítico sobre a semi-cultura.

O nosso autor afirma que: “A cultura não tem nenhuma outra possibilidade de sobreviver senão pela autorreflexão crítica sobre a semi-cultura”. Portanto, a educação para Adorno tem uma importância fundamental na questão da formação das gerações atuais no sentido de uma sociedade que se guie mais pela razão na luta pela autonomia, pela emancipação.

É preciso identificar o que tem permitido que a conduta autoritária perdure numa democracia formal. O autor afirma que o potencial autoritário continua bem mais forte do que se supõe. Ele diz:

Antes, é de supor que o fascismo e o horror, embora as antigas autoridades constituídas do Império, já em plena decadência, houvessem sido derrubadas, os homens ainda não estavam psicologicamente preparados para a autodeterminação. Eles não se mostraram à altura, da liberdade que caíra do céu. Por isso, as estruturas de autoridade assumiram aquelas dimensões destrutivas e... desvairadas, que não tinham, ou pelo menos não revelaram anteriormente.

O autoritarismo está entranhado na personalidade do homem moderno que vive a sociedade organizada no mundo administrado. Quanto mais progresso e evolução conquistam o homem, mais sutis vão se tornando os seus mecanismos de sustentação de uma personalidade autoritária que corrobora para a manutenção de formas também sutis de, autoritariamente, Auschwitz permanecer entre os feitos históricos que sustentam a modernidade.

Adorno destaca em as preocupações a supressão da não identidade, ou seja, a singularidade, assim também faz parte de suas preocupações a coletivização. As pessoas que se enquadram compulsivamente em coletividade, omitem-se como seres auto-determinantes transformando-se em massa bruta e, conseqüentemente, tratam os demais como massa amorfa. Adorno denomina essas pessoas possuidoras de caráter manipulativo. Esse caráter manipulativo evidencia-se pela mania de organização, pela incapacidade de vivenciar experiências humanas de modo geral, em certo tipo de ausência de emotividade e num realismo exagerado.

A pessoa possuidora de caráter manipulativo...

...não concebe nem deseja por um segundo sequer que o mundo seja diferente daquilo que é, possuído pelo desejo de fazer coisas,... indiferente ao conteúdo de tais ações. Ele faz

da atividade, da chamada efficiency, um credo que soa como propaganda ao homem ativo. Esse tipo, entretanto... está muito mais disseminado do que se poderia acreditar. Aquilo que exemplificava apenas alguns monstros nazistas poderá ser observado hoje em grande número de pessoas.

Adorno utiliza para exemplificar a ausência de amor nas pessoas, o estado de fuga e de indiferença perante o mundo. São pessoas que recusam a possibilidade de amar e, além disso, repelem essa possibilidade, antes que ela floresça em outras pessoas, que se não fossem profundamente diferentes, Auschwitz não teria sido possível. Pois as pessoas não o teriam aceitado.

Quando nosso autor fala que para a educação, Auschwitz não mais deveria existir, o que ele quer dizer é que tudo o que hoje tem de Auschwitz como estrutura não deveria existir. A educação, sem dúvida, pode e deve contribuir para que tudo que tem de Auschwitz como estrutura, de fato, não mais exista.

O autor continua:

Receio que através das medidas educativas, por mais abrangente que seja, será difícil evitar que assassinos de escrivania tornem a aparecer. Mas que existem pessoas que lá embaixo, como servos, portanto, praticam atos que se destinam a perpetuar a sua própria servidão e se despem de toda a dignidade humana: ...contra isso se pode fazer alguma coisa, pela educação, pelo esclarecimento.

Toda educação deveria ter como fim, centralizar-se no impedimento de uma reincidência de Auschwitz. E isso só será possível se esta educação, conforme o nosso autor, sem medo do choque com quaisquer poderes, pudesse ocupar-se dessa tarefa. Seria preciso um esclarecimento sobre o jogo dos poderes na sociedade conforme ele mesmo diz: *“contra todo tipo de servidão pode-se fazer algo pela educação, pelo esclarecimento”*.

Conclusão

É tarefa de o educador pensar a reconstrução da educação como um todo. Pensar mesmo que utopicamente, um projeto de educação que ajude a repensar a sociedade.

Educação na concepção desta filosofia é a arte da rememoração aliada ao exercício reflexivo de um pensamento esclarecido que conhece e sabe-se conhecedor de sua potencialidade. Compreende sua singularidade na pluralidade e entende sua vida social porque, não somente concebe, mas compreende o tempo de sua trajetória no mundo. O objetivo desse trabalho foi fazer uma leitura do escrito de Adorno sobre “Educação após Auschwitz”. A educação após Auschwitz – campo de concentração nazista – deve ser uma educação contra Auschwitz. A educação tem de assumir um compromisso de contribuir para o resgate do homem dos escombros e ruínas de que tem sido autor, sem, contudo apaga-los da memória humanas. É preciso rememorar Auschwitz para superá-lo.

A educação deve conhecer e trabalhar contra a inconsciência dos mecanismos que tornam os homens capazes de atacarem, matarem, subjugarem e se sacrificarem. O homem enquanto sábio se torna cidadão do mundo, supera a dimensão do privado, do doméstico, das normas e de todo tipo de imposição. A educação pelo esclarecimento pode fazer alguma coisa no sentido de modificar a atitude dos que praticam a barbárie. O nosso autor tem a coragem de propor o resgate do amor, ao mesmo tempo em que nega intencionalmente essa possibilidade ao continuar suas reflexões tratando da conscientização da frieza em si e de desvendar os motivos que a ela levaram. É necessário trabalhar o medo que impede o esclarecimento e o crescimento dos indivíduos.

Bibliografia

De Theodor Adorno:

ADORNO, Theodor. **Palavras e Sinais, Modelos críticos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

ADORNO, Theodor. **Sociológica**. Madrid: Taurus, 1986.

ADORNO, Theodor. **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

ADORNO, Theodor. **Temas Básicos de Sociologia**. São Paulo: Cultrix, 1973.

ADORNO, Theodor. **Mínima Moralia**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

ADORNO, Theodor. **Prismas**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

ADORNO, Theodor. **Filosofia da Nova Música**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

Sobre Adorno:

ALMEIDA, Jorge de. **Crítica Dialética em Theodor Adorno**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

ASSOUN, P L. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

FREITAG, B. **A teoria Crítica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

JAY, M. **La imaginacion Dialética**. Madrid: Taurus, 1986.

JAY, M. **Adorno**. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

JIMENEZ, M. **Para ler Adorno**. Rio de Janeiro: Francisco Salves, 1977.

MATOS, O. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

MATOS, O. **Os arcanos do inteiramente outro**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PAIVA, V. **A Atualidade da Escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro: IEC, Educ, 1996.

SLATER, P. **Origem e Significado da Escola de Frankfurt**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TIBURI, M. **Crítica da Razão e mimesis no pensamento de Th. Adorno**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

ZANOLA, S. **Teoria Crítica e Epistemologia**. Goiânia: UCG, 2007.

ZUIN, A.A. Et al. **Adorno**. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.